

**E COM VOCÊS O CLONE DE SUPERMAN
PREFERIDO DE JACK KIRBY... O CAPITÃO MARVEL**

André Luís Soares Smarra (UNESA)

andre@smarra.com.br

César Augusto Lotufo (UNESA)

lotufo@oi.com.br

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

O lugar do debate é circunscrito por um certo número de pressupostos, dentro dos quais o principal refere-se à relação entre o mundo real, as construções da lógica formal e a natureza do conhecimento científico. (PÉCHEUX & GADER, 2004)

RESUMO

O mundo clássico admirado por Nietzsche, permitiu o surgimento de um panteão de super-heróis, vistos como deuses e/ou semideuses, ao mesmo tempo em que possibilitou a construção interpretativa e enlouquecida de Hitler chamada “raça ariana”, os verdadeiros germânicos, poderosos, geneticamente puros e predecessores das antigas civilizações clássicas de Grécia e Roma. Dois desses super-heróis merecem uma especial atenção, seja pelo simbolismo que envolve seu *alter ego* – o jornalista Clark Kent, a máscara do alienígena Kal-El e o radialista Billy Batson que encarna poderes mágicos de divindades e reis, o Capitão Marvel, seja pela concorrência no mercado de gibis, já que Shazam (nome atual do Capitão Marvel) é considerado um plágio do Homem de Aço. Corria o ano de 1953 quando a Editora Fawcett cancelou a série do Capitão Marvel, pois sofreu uma grande queda de vendas, além de a DC Comics ter processado a concorrente por ter ousado publicar as aventuras do clone do Superman. Quando a editora desistiu de lutar pelo título, em 1968, a Marvel Comics comprou os direitos de publicar um super-herói com o nome Capitão Marvel, transformando em guerreiro Kree, que lutou contra tiranos cósmicos que desejavam invadir a Terra, verdadeiros deuses do mal como Thanos. Enquanto isso, a DC Comics, que adquirira o Capitão Marvel da Fawcett, na década de 1970, lançava o título *Shazam*, devido às questões jurídicas pendentes, mantendo o espírito juvenil das aventuras do Capitão.

Palavras-chave:

Super-heróis. Superman. Shazam. Capitão Marvel. Histórias em quadrinhos.

1. Introdução

Provavelmente quase toda criança no Ocidente sonhou em algum momento de sua vida em se transformar em um super-herói. No universo da editora norte-americana DC Comics, o jovem órfão Billy Batson conseguiu realizar esse sonho.

Assim como em todo mito de heróis em quadrinhos existe a necessidade de uma identificação com o leitor (ALMADA & GOMES, 2014, p. 73), no caso do *alter ego* de Billy Batson, o Capitão Marvel, não foi diferente.

O rapaz era filho de arqueólogos renomados, mas que morreram durante a escavação do túmulo do faraó Ramsés II, no Egito. Billy foi adotado pelo seu tio, meio-irmão de seu pai, Ebenezer, nome claramente extraído no personagem Ebenezer Scrooge, de Charles Dickens, que roubou o fundo fiduciário do jovem e o expulsou de casa.

Como os mitos são construídos por meio de tragédias (CAMPBELL, 2007), a história do personagem não poderia ser diferente. Depois de conseguir um emprego vendendo jornais nas ruas e dormindo nas ruas, um estranho o leva a labirintos subterrâneos até chegar a uma caverna que com sete estátuas que representam os inimigos do homem: o orgulho, a inveja, a luxúria, o ódio, o egoísmo, a preguiça e a injustiça. Em seguida, ele se encontra com o velho mago sentado em um trono, o Shazam, que diz que o jovem se tornou merecedor de herdar seus poderes, por causa de sua bondade e pureza, mas precisar viver de forma reta e combater os sete inimigos da humanidade.

A partir dali ele recebeu os seus poderes: a sabedoria de Salomão, a força de Hércules, o vigor de Atlas, o poder de Zeus, a coragem de Aquiles e a velocidade de Mercúrio. Bastava dizer a palavra Shazam, que eram as iniciais de cada um dos doadores de seus poderes, inclusive mudando sua aparência para de um homem, mais velho e mais forte.

Assim surgiu um tipo diferente de herói, embora, extremamente poderoso, ele continuava sendo uma criança: inocente, ingênuo, mas com poderes de um deus.

2. *Shazam!*

Assim como o Superman, o personagem messiânico criado de Jerry Siegel e Joe Shuster (GOMES, 2012, p. 17; LOTUFO & SMARRA, 2012, p. 173), o Capitão Marvel é um super-herói que foi inspirado no mito de Übermensch, o “super-homem” de Friedrich Nietzsche, em sua obra *Assim Falou Zaratustra*. Os dois representam de alguma forma um novo tipo humano pós-cristão, destinado a reconstruir o mundo clássico, conforme Knowles (2008).

Esse mundo clássico admirado por Nietzsche, permitiu o surgimento de um panteão de super-heróis, vistos como deuses e/ou semideuses, ao mesmo tempo em que possibilitou a construção interpretativa e enlouquecida de Hitler chamada *raça ariana*, os verdadeiros germânicos, poderosos, geneticamente puros e predecessores das antigas civilizações clássicas de Grécia e Roma. (Cf. LOTUFO & SMARRA, 2012, p. 165)

Anos antes do surgimento de Superman e Capitão Marvel e um pouco depois do supervilão careca protótipo de Lex Luthor, a dupla Siegel-Shuster criou, em 1935, o Dr. Oculto, um detetive que sofreu uma radical transformação em 1936, desenvolvendo grande força física e alcançando voo num uniforme vermelho e azul, tornando-se o Dr. Místico, outro protótipo do super e de seu clone, o Marvel da Fawcett’s Publishing. (MORRISON, 2012)

Sem dúvidas, o Capitão Marvel foi o mais importante concorrente do Superman. A concepção desse super-herói, por Bill Parker (da área de literatura Clássica) e C. C. Beck (artista plástico), teve a influência de deuses pagãos greco-romanos e do sábio rei judaico Salomão.

A revista *Whiz Comics*, número 1, de 1940, apresentou a história de Billy Batson, que recebe seus poderes para lutar contra o mal, pronunciando seu nome: *SHAZAM!!!!!!*

Para completar esta onda pagã que invadiu o mercado das histórias em quadrinhos, dominado por um Super-Messias, o Capitão Marvel foi submetido a um ritual egípcio tornando-se um novo deus Sol – *Osíris* –, que organizou um novo panteão de divindades, através do Capitão Marvel Jr e Mary Marvel: Hórus e Ísis, no entendimento de Les Daniels, em sua *História dos Comics Books na América*.

Essa nova divindade no formato de super-herói, coberta com um belíssimo uniforme vermelho todo paramentado, encantou o famoso artista e desenhista de tantos heróis e super-heróis Jack Kirby, a ponto des-

se utilizar uma origem semelhante para seu deus nórdico Thor, em 1962, e antes do asgardiano, em 1941, o supersoldado igualmente paramentado, com outro Capitão... o América.

Corria o ano de 1953 quando a Editora Fawcett cancelou a série do Capitão Marvel, que depois de permitir muitos lucros editoriais sofreu uma grande queda de vendas, além da DC Comics ter processado a concorrente por ter ousado publicar as aventuras do clone do Superman.

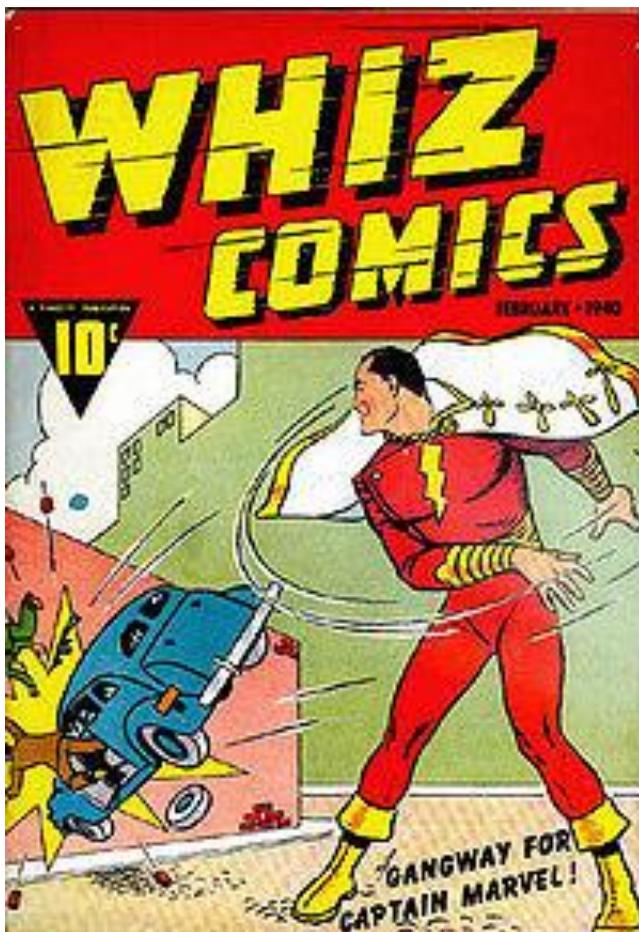


Fig. 1. Revista Whiz Comics

Quando a Fawcett desistiu de lutar pelo título, em 1968, a Marvel Comics comprou os direitos de publicar um super-herói com o nome Capitão Marvel, transformando em guerreiro Kree, que lutou contra tiranos cósmicos que desejavam invadir a Terra, verdadeiros deuses do mal como Thanus. (MORRISON, 2012)

O famoso desenhista místico Jim Starlin transformou esse capitão num vingador, lutando ao lado de Thor, Homem de Ferro e Capitão América, após a era Lee-Kirby; até que decidiu matá-lo, vítima de câncer, na *graphic novel A Morte do Capitão Marvel*, publicada nos Estados Unidos em 1981 e, no Brasil, em 1988 pela Editora Abril.

Enquanto isso, a DC Comics, que adquirira o Capitão Marvel da Fawcett, na década de 1970, lançava o título *Shazam*, devido às questões jurídicas pendentes, mantendo o espírito juvenil das aventuras do Capitão até que, em 2004, Mark Waid (roteiro) e Alex Ross (arte), projetam um mundo dez anos à frente dos super-heróis dos anos 90, que aposentados, retornam para combater seus sucessores. Em *O Reino do Amanhã*, Superman luta contra o Capitão Marvel, que submetido a um poder hipnótico de Lex Luthor, liderava esses novos super-heróis, sucessores dos aposentados e que não respeitavam os compromissos de ética, moral e solidariedade de seus predecessores, com a humanidade.

Na *graphic novel O Reino do Amanhã*, o Capitão Marvel encerra a sua participação nos quadrinhos, depois de se recuperar da hipnose e retomar sua consciência ele morre tentando salvar o planeta Terra da destruição por um míssil nuclear, enviado por Luthor para exterminar os seres humanos.

Nesta epopeia em quadrinhos, o Capitão Marvel cumpriu a missão designada ao Messias Superman, ou seja, morreu para salvar a humanidade. Entretanto, para a alegria dos seus fãs, o clone terrestre do guerreiro de aço kryptoniano ressuscitaria, mas isso é outra história.

3. Considerações finais

Pode-se concluir que a famosa contenda judicial entre a DC Comics e a Fawcett's Publishing pelos direitos autorais daquele que seria um plágio do Homem de Aço permitiu a ampliação do universo mitológico dos heróis e heroínas com superpoderes cósmicos e/ou mágicos na construção e reconstrução de eras marcantes na *História das Histórias em Quadrinhos*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMADA, Bárbara; GOMES, Nataniel dos Santos. A questão da inclusão através das histórias em quadrinhos. In: GOMES, Nataniel dos Santos; ABRÃO, Daniel (Orgs.). *Grandes poderes trazem grandes responsabilidades*: refletindo sobre o uso das histórias em quadrinhos em sala de aula. Curitiba: Appris, 2014.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athenas, 2007.

GOMES, Nataniel dos Santos. Deus entrou no universo dos super-heróis: como a religião tem usado os quadrinhos para proclamar suas doutrinas. In: *Quadrinhos e transdisciplinaridade*. Curitiba: Appris, 2012, p. 11-19.

KNOWLES, Christopher. *Nossos deuses são super-heróis*. São Paulo: Cultrix, 2008.

LOTUFO, C. A.; SMARRA, A. L. S. Assim fizeram os deuses, assim fizeram os seres humanos: uma mitologia dos heróis. In: GOMES, Nataniel dos Santos; RODRIGUES, Marlon Leal. (Orgs.). *Para o alto e avante*: textos sobre histórias em quadrinhos para usar em sala de aula. 1. ed. Curitiba: Appris, 2012, v. 1, p. 163-180

MORRISON, Grant. *Superdeuses*. São Paulo: SEOMAN, 2012.